

PINGA-FOGO

■ **PERSONALIDADE** FRANÇA-BRASIL - O prefeito Eduardo Paes recebeu o prêmio “Personalidade França-Brasil 2025” em cerimônia realizada no Hotel Fairmont, em Copacabana, nesta semana, que celebrou os 125 anos da Câmara de Comércio França-Brasil e os 200 anos das relações diplomáticas entre os dois países. A homenagem reconheceu sua atuação em mobilidade, saúde e na projeção do Rio como cidade global e sustentável. A França é o segundo maior investidor no Brasil, com mais de 1.300 empresas no país e prevê, para os próximos anos, novos investimentos de R\$ 100 bilhões no país.

■ **HOMENAGEM** - O hall de entrada da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (Emerj) ganhou um novo retrato nesta terça-feira, dia 25 de novembro. A fotografia do desembargador Marco Aurélio Bezerra de Melo foi a 12ª a figurar na Galeria de Honra dos diretores-gerais da Emerj, no Atrium do Auditório Desembargador Paulo Roberto Leite Ventura. Ele ocupou o cargo de diretor-geral no biênio de 2023/2024.

■ **LANÇAMENTO** - A autora Hérica Marmo lança, no próximo dia 5 de dezembro, às 19h, na Livraria da Travessa do Shopping Leblon, o livro Concerto para um Sonho, que celebra os 15 anos da Orquestra Maré do Amanhã e registra a trajetória do projeto que transforma a vida de jovens por meio da música.

■ **AGENDA** – O Prefeito de Sumidouro, Galileu Freitas, esteve nessa quarta-feira (26), em Brasília para uma reunião com o Ministério da Agricultura. A conversa, que contou com a participação do deputado federal Aureo Ribeiro, teve a finalidade de buscar emendas de pavimentação e fortalecer a o setor agropecuário da região por meio do Promac.

■ **DIREITO DE RESPOSTA** - Após a nota “O predador do Sistema Unimed”, veiculada na edição desta quarta-feira, 26 de novembro, na coluna Magnavita, a Seguros Unimed enviou a seguinte nota que reproduzimos na íntegra a seguir:

■ “Posicionamento Seguros Unimed

■ A Seguros Unimed esclarece que não integra o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) desde fevereiro de 2024, por força de decisão judicial da Justiça Federal do Rio de Janeiro, oportunidade em que foi desobrigada dos termos do referido TAC.

■ O TAC tinha como finalidade a reorganização da operação da Unimed-Rio, e a eventual atuação da Seguros Unimed estava condicionada ao cumprimento das cláusulas pela Unimed-Rio e ao acesso às informações necessárias, o que não ocorreu, mesmo após solicitações formais.

■ Diante do agravamento do cenário econômico-financeiro e assistencial da Unimed-Rio, aliado ao cerceamento às informações requeridas, inclusive oficialmente aos agentes responsáveis, a companhia não viu outra alternativa senão acionar a Justiça Federal do Rio de Janeiro em 2023, medida que culminou com sua saída do TAC em fevereiro de 2024.



Fotos Bruna Lopes/LIDE



Kennedy Alencar, diretor de relações institucionais da Vale



Ricardo Pozzi, diretor da Enel Itália, aposta em plano de expansão e investimento no Brasil



Gilmar Mendes, ministro do Supremo Tribunal Federal, reforçou o impacto do acordo no estímulo de investimentos estratégicos



Antonella Cavallari, secretária-geral do Instituto Italo-Latino Americano



CM

Francesco Lollobrigida, ministro da Agricultura da Itália



Francesco Lollobrigida, ministro da Agricultura da Itália



O secretário de Estado de Comunicação do Rio de Janeiro, Igor Marques



Renato Mosca, embaixador do Brasil na Itália, falou sobre o acordo Mercosul-União Europeia durante o LIDE Brasil Itália Fórum



O senador Weverton Rocha apresentou um panorama das políticas climáticas e energéticas já aprovadas pelo Congresso

■ Importante esclarecer que, após essa desvinculação, a Seguros Unimed não foi chamada a compor novos instrumentos firmados junto à ANS, que passaram a ser conduzidos diretamente entre a Agência e os demais signatários.

■ Em março de 2024, foi celebrado um novo acordo com a participação de todos os agentes originais do TAC, exceto a Seguros Unimed, que definiu a transferência da carteira da Unimed-Rio para a Unimed FERJ e tratou de

uma dívida assistencial de R\$ 1,6 bilhão, além de outros atos posteriores, dos quais a companhia não participou.

■ Importante salientar que todas as medidas adotadas pela Seguros Unimed foram devidamente amparadas em suas políticas e estrutura de Governança, envolvendo conselho de administração e comitês, sob auditorias interna e externa, assegurando gestão técnica, responsável e transparente.

■ A Seguros Unimed é uma sociedade anônima de capital fechado, com severa governança, e suas decisões são colegiadas, maduras e responsáveis, não representando a atuação isolada de um único executivo.

■ Por fim, reforçamos que a Seguros Unimed não comercializa planos como operadora no Rio de Janeiro, atuando como seguradora nacional em modelo regulado distinto, cumprindo integralmente as regras de comercialização e ter-

ritorialidade do Sistema Unimed. Não houve qualquer conduta que caracterize aproveitamento comercial da situação.

■ A Seguros Unimed, braço segurador do Sistema Unimed, permanece comprometida com a estabilidade do Sistema Unimed, com a conformidade regulatória e com a continuidade da assistência aos seus beneficiários, atuando de forma cooperativa e alinhada aos princípios que norteiam a marca”.

Fernando Molica

O menino podia ser seu filho

A bala que atingiu Pedro Henrique, de 12 anos, dentro de uma escola do Complexo da Maré, durante uma operação policial, faz lembrar a frase dita por estudantes em 1968, horas depois de o secundarista Édson Luís ter sido morto pela PM. Ao interromperem peças de teatro para denunciar o crime, eles repetiam: “Mataram um estudante, podia ser seu filho.”

Imagine receber, em casa ou no trabalho, a notícia de que um filho foi baleado, ainda mais dentro da escola. Como encarar o fato, o desespero, a incredulidade, a dificuldade de obter detalhes sobre o estado de saúde da criança?

Nem é assim tão difícil conceber como seria a correria para chegar ao local — ouvir que é perigoso ir até lá, que o tiroteiro ainda está acontecendo,

como se houvesse perigo maior do que ter um filho baleado.

Qualquer um de nós sairia correndo ou trataria de pegar um táxi, o celular escorregaria das mãos, seria impossível localizar o número de algum amigo ou parente em meio aos gritos, as rezas e orações, à repetição das palavras meu Deus, meu Deus, meu Deus.

Ainda haveria a chegada ao hospital, a tentativa de invadir a sala de cirurgias, a UTI. Como conter a vontade de empurrar todo mundo que tenta impedir o básico, o encontro com o que há de mais importante nas nossas vidas?

Experiência parecida foi vivida ontem por uma mãe e um pai que moram na Maré. A essa hora, eles devem estar ao lado do filho numa enfermaria, aliviados pela recuperação do menino,

angustiadados com a volta para a casa, para o local onde vivem. Como deixar o garoto voltar à escola? Não vou deixar, deve ter dito a mãe, que faz e refaz contas, calcula quanto seria necessário para que eles deixem a casa onde vivem. Ir pra onde?, questiona o marido.

É preciso imaginar a tragédia para ao menos interromper a indiferença e, mesmo, o entusiasmo que sustentam ações que enxugam gelo e espalham sangue pelas favelas. Operações que ocorrem apenas pelo fato de boa parte da população não ter a menor empatia por quem vive por lá, pobres e geralmente pretos; cidadãos vistos como “eles” e não como “nós”. São como os feios, sujos e malvados do filme de Ettore Scola. Seres humanos que não mereceriam atenção, carinhos e cuidados do Estado.

É inegável que as quadrilhas que dominam favelas e bairros pobres são cruéis, exercem um poder ditatorial, ameaçam e punem moradores. Mas só fazem isso graças à incompetência, tolerância e parceria do Estado, crescendo à sombra do poder público ou se alimentam da luz por ele fornecida.

O combate a esses grupos não pode, porém, repetir a mesma crueldade por eles exercida e nem insistir em estratégias que dão errado há décadas.

Levantamento feito pela organização Redes da Maré mostrou que, nos sete primeiros meses do ano letivo de 2024, 20 mil estudantes de 49 escolas da comunidade ficaram 26 dias sem aulas devido a operações policiais.

Como dar a essas crianças e jovens ao menos a ilusão de um futuro melhor, como incentivá-los a estudar, a

tentar romper a estrutura criada para manter a pobreza do jeito que está?

Pelos registros feitos no Ministério Público, a operação de ontem foi a 18ª realizada este ano em favelas da Maré. Não é difícil prever que será tão fracassada como as demais, como as 5.500 que, desde junho de 2020, ocorreram em favelas cariocas.

Em nenhuma delas o Estado acabou com o crime organizado no local, retomou territórios, restabeleceu a lei.

Entre os 122 mortos na megaoperação nos complexos da Penha e do Alemão há cinco policiais. Morreram em vão, assim como o sargento PM Jorge Henrique Galdino Cruz, que tombou em junho de 2024 na Maré. É preciso quebrar essa lógica, garantir segurança e preservar vidas, entre elas, as vidas dos filhos de todos nós.